

**O CONCEITO DE HEURÍSTICA DO TEMOR EM HANS JONAS:
diálogos em um contexto pós pandemia e a Psicologia Ambiental
THE CONCEPT OF HEURISTICS OF FEAR IN HANS JONAS:
Dialogues in a post-pandemic context and Environmental
Psychology**

Felipe Sávio Cardoso Teles Monteiro¹
Alexandre Marques Cabral²

RESUMO: O principal objetivo deste trabalho é promover a discussão entre o pensamento ético de Hans Jonas, especificamente sobre o termo “Heurística do Temor” no que concerne a possibilidade para uma ética do cuidado ambiental. O filósofo Hans Jonas sustenta que a sobrevivência humana depende de nossos esforços para cuidar do nosso planeta e do seu futuro. E é esta nova óptica de responsabilidade que deve também guiar a maneira como vemos o meio ambiente, cientes da sua perenidade e reconhecendo que desconhecemos o efeito que as tecnologias de hoje terão amanhã, associar o legado de Hans Jonas, com uma nova perspectiva ambiental, conhecendo novas realidades, e discutir a subjetividade na atualidade é importante para o desenvolvimento de estratégias de equilíbrio sustentável no planeta.

Palavras-chave: Hans Jonas. Equilíbrio Sustentável. Ética do Cuidado Ambiental.

ABSTRACT: The main objective of this work is to promote the discussion between the ethical thinking of Hans Jonas, specifically about the term “Heuristics of Fear” in what concerns the possibility for an ethics of environmental care. Philosopher Hans Jonas maintains that human survival depends on our efforts to care for our planet and its future. And it is this new perspective of responsibility that should also guide the way we see the environment, aware of its longevity and recognizing that we are unaware of the effect that today's technologies will have tomorrow, associating the legacy of Hans Jonas, with a new environmental perspective, knowing new realities, and discussing subjectivity today is important for the development of sustainable balance strategies on the planet.

Keywords: Hans Jonas. Sustainable Balance. Ethics of Environmental Care.

O CONCEITO DE HEURÍSTICA DO TEMOR EM HANS JONAS

Do ponto de vista, cognitivo e psicológico, o conceito da palavra medo significa uma espécie de perturbação específica ou não, diante de uma ideia ou não, que se está exposta a

¹ Doutor em Filosofia (UERJ). Professor Adjunto da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAR. E-mail: felipesctm@hotmail.com

² Doutor em Filosofia (UERJ). Professor do Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. E-mail: alxcbrl@yahoo.com.br

algum tipo de perigo, seja ele, real ou imaginário. O medo do ponto de vista psicofisiológico, apresenta um estado de apreensão, de atenção, esperando que algo ruim vá acontecer em determinado espaço temporal (STERNBERG, 2000). Estas definições cognitivas definem que, o medo é uma sensação, e está ligada a um estado em que o organismo se coloca em alerta, mediante ou não da exposição de uma possível ameaça (STERNBERG, 2000). Do ponto de vista da sobrevivência, ou dos mecanismos de defesa, seja ele da consciência ou não, o medo é extremamente importante para a manutenção do equilíbrio e da sobrevivência humana. Um ser humano que não possui medo algum, pode se expor a situações extremamente perigosas, arriscando a própria vida, sem medir as possíveis consequências dos seus atos (STERNBERG, 2000). A heurística do temor proposta por Jonas inaugura uma nova categoria filosófica que pode resgatar a decaída do sagrado perante o cenário ético atual, a sua investigação sobre o medo, consiste em discutir uma nova teoria ética correspondente, e é, importante caracterizar esse estado ético atual. Na atualidade, a ética aparenta ter perdido os seus princípios fundamentais, e os fundamentos para isso, apontam duas tendências intimamente ligadas aos desenvolvimentos tecnológicos: o imediatismo do viver para o aqui, e o agora, e o estado hipnótico provocado pela magia da técnica por outro, não só inibem, mas também dispensam o homem contemporâneo de preocupar-se com o futuro distante.

Neste contexto, fala-se muito das mudanças sociais e econômicas que desencadearam na ética uma grande crise. Porém, Jonas faz um movimento contrário às tendências éticas contemporâneas, pois, ele busca princípios que sejam capazes de apresentar o potencial destrutivo da tecnologia, presentes nas obras do homem tecnológico. O ponto de entendimento e de reflexão de todo o empreendimento ético jonasiano é a continuidade da vida no futuro (JONAS, 2006). Este é o ponto central de toda a sua investigação. A ética atual tem demonstrado que os desdobramentos tecnológicos podem ameaçar o futuro, e dessa forma, Jonas discute através da filosofia, voltada para a vida, justificativas para formular uma ética que seja capaz de assegurar uma projeção para um futuro, com mais equilíbrio entre os seres na Terra (JONAS, 2006). Ele identificou a dupla tendência que pode guiar as ações humanas. A primeira diz respeito à ciência e a tecnologia contemporânea que ameaçam a sobrevivência da humanidade e de todas as formas de vida que coabitam na

terra. A segunda igualmente representa, o grave perigo ao ameaçar a própria dignidade e autonomia da pessoa humana, através das manipulações dos indivíduos futuros. Jonas queria contribuir para um saber mais adequado às novas interrogações (JONAS, 2006). Estas discussões poderá sustentar, uma apologia do temor, tal apologia, assume uma importância para a construção de uma nova ética que, ele explicita a relação entre saber, poder e o sentimento e, depois, aponta para a necessidade de reconhecer o perigo da técnica moderna. Ou seja, o temor como método, moveria o sentimento para o saber, do saber ao dever de responsabilidade e, posteriormente, como movente para encontrar cada vez mais princípios éticos consistentes.

Ele privilegiou a heurística do temor na parte inicial da sua teoria, porém ele mesmo adverte que este medo, não deve ser tomado como a última palavra em ética. É coerente, avançar até as concepções metafísicas para retirar os princípios fundamentais da sustentação da nova ética. Neste sentido, afirma que na busca de uma ética da responsabilidade, a longo prazo, cuja “presença ainda não se detecta no plano real, nos auxilia, antes de tudo, a previsão de uma deformação do homem, que nos revela aquilo que queremos preservar no conceito de homem” (JONAS, 2006, p. 70). Logo, diante da real possibilidade de destruição da humanidade, é quase impossível não mover o sentimento para a preservação mediante da desfiguração da condição humana e que se toma consciência da autêntica condição. Por isto, Jonas acentua que o saber se origina não da contemplação, mas daquilo contra o que deve proteger. Esta é uma das poucas posições que defendem como método a via negativa, através da sua ética da responsabilidade que pode ser considerada, em parte, como uma ética do temor. Todavia, é preciso entender bem a sua posição para não tirar conclusões precipitadas. Jonas acentua a predominância do mal para dele acentuar o bem. Percebe que o ser humano toma consciência com mais facilidade daquilo que não deseja, mas que já possui. Para Jonas, o reconhecimento do mal é infinitamente mais fácil de que o do bem; é mais imediato, mais urgente, bem menos exposto à diferença de opinião” (JONAS 2006, p.71).

Portanto, somente diante da doença é que as pessoas dão conta da saúde, algo bem atual, e somente quando há uma privação da liberdade é que se toma consciência de seu valor, ainda mais, somente diante da morte as pessoas realmente tomam consciência da vida

e da finitude. Para Jonas, o mal se impõe pela simples presença, enquanto o bem pode ficar discretamente ali e continuar desconhecido, destituído de reflexão (JONAS, 2006, p.71). Aquilo que não se deseja é mais fácil de saber do que daquilo que se deseja. Desta forma, tratando-se de filosofia moral, Jonas priorizou a consulta ao temor, antes mesmo de consultar o desejo. Muito embora tenha consciência de que a heurística do medo não seja a última palavra na procura do bem, ela é uma palavra muito útil (JONAS, 2006). Percebemos então, um movimento dialético entre o bem e o mal, saúde e doença, através do movimento entre os potenciais catastróficos da tecnologia e o futuro que se quer preservar. Surge, daí, o conhecimento heurístico. Com o conhecimento, o homem é forçado a frear a compulsão e a onipotência dos ideais de progresso da técnica moderna. Portanto, o mal imaginado e experimentado através do temor deveria, servir de contraponto ao agir concreto aqui e agora (JONAS, 2006).

Discutindo este método, Jonas (2006), destaca alguns deveres. O primeiro dever da ética do futuro jonasiana é de antecipação. Em sua concepção, o mal imaginado nas futuras catástrofes antecipadas, deve ser experimentado no presente. O procedimento para tal acontecimento é produzir intencionalmente experiências catastróficas através das projeções futuras. A segunda obrigação pontuada por Jonas (2006), consiste na obrigação da mobilização de sentimentos. Não basta apenas imaginar o mal hipoteticamente, é preciso fazer uma experiência, somente assim ele passa a ter significado. A experiência, portanto, possibilita a antecipação daquilo que poderá ser pior. Aqui, o temor tem característica espiritual que nasce de uma atitude deliberada da pessoa. Assim conclui: “a adoção dessa atitude, ou seja, a disposição para se deixar afetar pela salvação ou pela desgraça (ainda que só imaginada) das gerações vindouras é o segundo dever ‘introdutório’ à ética almejada” (JONAS, 2006)

Neste sentido, o temor adquire caráter pedagógico, orientado por características psicológicas, e enquanto metodologia analítica, constitui-se parte essencial da responsabilidade e, enquanto capacidade projetiva, possibilitando um princípio responsabilidade. Estes conjuntos de princípios, discutidos por Jonas, não consegue uma exatidão como a ciência. O saber possível, dentro de seu pensamento, é suficiente para a doutrina dos princípios. A infelicidade causada pelo sentimento de não haver futuro ou das caóticas condições futuras,

implicam na necessidade de novos padrões de comportamento. Esta reflexão sobre o possível, possibilita acesso para novas verdades que não precisarão ser colocadas como provas, apenas como ilustração. Ele descreve que trata-se de uma casuística imaginativa que serve à investigação e à descoberta de princípios ainda desconhecidos e não, como a casuística habitualmente serve, no direito e na moral, ao exame de princípios já conhecidos. Com isso, revela a parte fraca das projeções que, apesar de coerentes em relação ao futuro, não são suficientes para serem implantadas nos planos políticos (JONAS, 2006). Havia então, uma grande necessidade de justificar as projeções que priorizam o mau prognóstico, isso porque a tecnologia não respeita mais o processo natural das coisas, em face das pequenas compensações. Preocupou-se em fundamentar e acentuar os maus prognósticos para preservar as futuras condições de vida digna. Neste sentido, especifica a sua posição relatando a sua percepção sobre os empreendimentos tecnológicos. Esta demonstração pela sua descrença nas promessas tecnológicas, corrobora com a concepção que não se está levando em conta o processo que a natureza leva para digerir as intervenções humanas e que não se pode ignorar a substituição da longa duração da evolução natural pelo prazo relativamente curto da ação humana planejada.

Ele não acredita no tudo ou nada quando, o que está em jogo são as condições e a vida de projeções de futuro na sociedade. Assim, assevera que o “mandamento da ponderação em vista do estilo revolucionário que assume a mecânica evolutiva do “este ou aquele” sob o signo de uma tecnologia, com suas apostas de “tudo-ou-nada”, a ela imanentes e alheia à evolução” (JONAS, 2006). Esta metodologia jonasiana do temor é, portanto, um instrumento fundamental e se mostra completamente adequado aos anseios dessa nova ética que tem a missão de alertar sobre as ameaças provenientes dos efeitos propiciados pela ideologia do progresso focado no desenvolvimento desigual. Foi mostrado que isso não está longe, o progresso tecnológico possui finalidades em si mesmo que podem extinguir a vida no planeta. O medo assume então a função de chamar a atenção para a qualidade das ações propostas pelos comportamentos apresentados nesta sociedade.

Entre bônus e prejuízos, sempre dar preferência aos custos altos que podem ser pagos por todos os seres humanos, em face, muitas vezes, de pequenos ganhos individuais provenientes da tecnologia que, adquiriu um poder globalizante, destrutivo, efetivo, que

ultrapassa as decisões meramente individuais. Logo, Jonas chama a atenção para o uso político das tecnologias. O que não pode acontecer é a esfera política tomar decisões que coloquem em perigo o destino da humanidade. Neste ponto, Jonas é pessimista, porque não acredita que decisões políticas se preocupam com as consequências futuras, apenas estão preocupados com a esfera próxima e imediata, pois é ela que notabiliza suas ações, isso enfatiza ainda mais que todo legado do autor é importante nas discussões que estamos vivenciando na atualidade. A dúvida pode trazer riscos para a vida digna, presente e futura, e a preferência e o critério de decisão devem ser os maus presságios, então surge um mandamento que nasce de um dever de conservação da vida. Tal regra é a responsabilidade com o ser que deve ter preferência ante o não ser (nada). Ele propõe que, a elaboração de uma teoria valorativa centrada na objetividade de valores do ser, que tenham condições de aceitabilidade na modernidade e, a partir da qual se possa deduzir um comportamento de preservação e responsabilidade (JONAS, 2006).

Esse conceito, através do temor, possui um caráter de cautela, moderação e prudência no agir. É apenas a parte inicial da ética da responsabilidade. Sozinho ele nunca será suficiente para assegurar o fundamento da ética que tanto se espera. Portanto, é importante demonstrar a existência de princípios fundamentais que asseguram os maus prognósticos em face do que se quer preservar. Portanto, estas apostas, a sua proveniência física, encontram-se em um estado metafísico, um absoluto que, como um bem, o valor mais alto e vulnerável, nos impõe o mais alto dever de conservação (JONAS, 2006). Desse modo, o perigo é o critério de decisão das ações humanas na atualidade

Seu trabalho, como todas as teorias éticas, leva em conta o aspecto objetivo e subjetivo. O primeiro tem a ver com a razão; e o subjetivo, com o sentimento. A filosofia se ocupa com o estado objetivo, cuja preocupação está relacionada à validade e ao fundamento racional da obrigação. O aspecto subjetivo busca o fundamento psicológico como a capacidade de mover a vontade; de converter-se em causa para o sujeito; de deixar determinar sua ação por aquele, este trabalho apresenta uma possibilidade de inserção neste aspecto. Pelas atuais características evidenciadas ao longo da história humana, ou se priorizou o objetivo ou o subjetivo. Apesar de privilegiar o lado objetivo, Jonas considera ambos os aspectos mutuamente complementares, pois são partes integrantes da ética que

podará se sustentar baseada no cuidado e não na obtenção do resultado a qualquer custo. É necessário levar em consideração todo o seu contexto de vida e de formação, pelas suas influências, principalmente do seu professor Heidegger, através da análise existencial e da crítica à técnica moderna. As discussões em torno da técnica, ganham destaques principalmente pela revisão desencadeada sobre as éticas tradicionais e constatando as modificações nos modos de agir humano, logo chegou-se à conclusão de que as éticas tradicionais não davam mais conta da realidade. Desta forma, surge a superação dos antigos imperativos éticos, por novos imperativos de natureza coletiva e de longo prazo. Uma superação das antigas prescrições éticas antropocêntricas do presente para lançar raízes no campo metafísico com a ética da responsabilidade (JONAS, 2006). Numa realidade onde a ciência e a tecnologia extrapolaram todos os limites conhecidos, criando novas realidades que já não estão sob o domínio do ser humano. Apresenta-se a proposta ética jonasiana como antídoto, consciente dessa realidade e comprometida com a vida.

Com base nos preceitos de Jonas, é possível afirmar a existência de uma dialética interna do poder tecnológico, por um lado à natureza que cedeu os seus domínios e por outro a compulsão desenfreada na sua utilização. Jonas quis superar o uso comum do termo responsabilidade, pois a técnica ultrapassou a os parâmetros estabelecidos pela ética tradicional e criou novas exigências para as ações coletivas (JONAS, 2006). Para Jonas (2004) o ser humano utiliza uma perspectiva imediatista em que somente se entende o medo, quando se está em risco. Para ele, sabemos bem mais cedo o que não queremos do que o que nós queremos. Logo, ele se apropria de uma concepção de “Filosofia Moral” para poder consultar nossos medos, antes mesmo, dos nossos desejos em um contexto de aprendizagem, sobre o que realmente apreciamos. No entanto, Jonas acrescenta que estas heurísticas, devem apenas recuperar um estado emocional adequado para agir com responsabilidade diante dos atuais dilemas éticos embora, em consequência, as heurísticas do medo certamente não sejam a busca pelo bem.

No contexto humano, o medo pela sobrevivência da vida na Terra enfatiza o processo de entendimento da consciência sobre a precariedade excessiva e os riscos da atualidade ao mesmo tempo, o medo elucida a relação entre a irresponsabilidade através da técnica humana. A tecnologia transforma a ação humana em um exercício de irresponsabilidade

com o meio ambiente. Para Jonas, uma ética da responsabilidade deve preservar a herança de uma evolução passada, pois, para ele, tal herança, possui um valor ontológico muito grande, pois, ele assume uma discussão centrada nos aspectos biológicos na filosofia. No livro “*Princípio Responsabilidade*” ele destaca a solidariedade é essencial da vida humana, é um fenômeno da vida, esta dinâmica possui um significado que transcende os aspectos metafísicos, e coloca que os seres humanos, fazem parte desse movimento e evolução gerais, pois, eles possuem o “dever” supremo de preservá-lo intacto para futuras gerações. As consequências para a humanidade, evidenciam que muito dos diversos espaços e ambientes hoje estão comprometidos, e não estarão disponíveis para os outros no futuro. O ser humano precisa agir, e assumir um dever ontológico da responsabilidade. Portanto, esta é a nossa obrigação atual com a humanidade futura:

Isso significa, por sua vez, que é menos o direito dos homens do futuro, ter o seu direito à felicidade, que, dado o conceito incerto de “Felicidade”, seria um critério precário de qualquer maneira do que a dever sobre o qual devemos vigiar, a saber, o dever de serem verdadeiramente humanos: portanto, sobre sua capacidade para esse dever a capacidade de até atribuí-lo a eles mesmos o que poderíamos, roube-os com a alquimia da nossa tecnologia ‘utópica’ (JONAS, 2004, p. 42).

Em um primeiro momento, este discurso em Jonas, parece que a profecia da desgraça, pois lança uma luz pessimista sobre suas reflexões. Em vez disso, Jonas nunca enfatiza de que tal profecia negativa se apresenta para “evitar sua vinda”. Estas críticas da tecnologia contemporânea, ele evidencia um significado da reivindicação da responsabilidade humana. Pois, consiste na ambiguidade básica da liberdade humana. Essa característica, a liberdade está aberta ao bem, mas também ao mal, pois, pode acolher e respeitar o vínculo de valor ontológico, e também pode optar por violar ou ignorar o mesmo valor. Esta ambivalência, é a característica mais específica do ser humano, pois para ele, este ser é realmente ambíguo e, portanto, propenso para ser um ser propenso para um abuso irresponsável de novas tecnologias. Neste aspecto, Jonas adverte que a humanidade não espera uma manutenção igualitária, diferentemente das ideologias e utopias que reivindicam combater o aprimoramento antropológico. A ética da responsabilidade oferece

um tipo diferente de esperança pois a esperança é uma condição para a ação, e em uma heurística do medo deve ser usado “em contraposição a uma heurística da esperança”.

A ética da responsabilidade dá ao medo “seu devido lugar”, pois quando o impulso precisa de encorajamento moral, fornece uma esperança para o estabelecimento de um princípio para a preservação. Por outro lado, o medo não deve crescer na medida em que a ação fica paralisada pois ele deve inspirar para uma coragem responsável, que cuida de um objeto cuja existência depende da capacidade do homem de agir com sabedoria, resolutividade, prontidão, moderação e prudência (JONAS, 2006). O processo de vulnerabilidade na qual a vida humana está enraizada, tem como objetivo a sua perpetuação, pois, precisa de cuidados atentos e ativos do homem. Segundo Jonas, esse objetivo significa mais do que uma mera indicação de ações a serem realizadas algo bem maior, pois, a liberdade humana deve refletir positivamente em si mesma, e em seu próprio ser no mundo e no objeto de sua responsabilidade, pois, isto é, a vida. Este objeto de uma responsabilidade frágil e vulnerável exige cuidados, pois, o que precisamente a responsabilidade humana deve cuidar? Jonas (2006) responde que somos responsáveis pela ideia do homem, que exige a presença de sua incorporação no mundo. Esta ideia específica seria o imperativo primário da ética e insiste igualmente para uma existência obrigatória. Os seres humanos personificam uma das principais características ontológicas da vida, ou seja, seu desenvolvimento dinâmico e auto-transcendente pois a vida humana é essencialmente aberta ao futuro e à auto-transcendência.

Exatamente desta forma uma deveria filtrar, o “ser” da vida humana e as ações futuras devem respeitar a fato de que a liberdade, e as vidas humanas sempre expressam. A liberdade individual e coletiva nunca deve colocar reivindicar a promessa do futuro que expressa a característica ontológica da vida. Por esse motivo, Jonas termina sua obra-prima com um apelo para preservar a integridade da essência do homem, já que este “algo sagrado” se revela através de humanidade, algo inviolável em nenhuma circunstância e que possa ser percebido independentemente da religião (JONAS, 2006). Para estas ideologias utópicas, ele reafirma que a humanidade aceita corajosamente sua exigente tarefa de cumprir a liberdade e responsabilidade:

O tempo para a corrida de progresso já acabou, não é claro para o próprio progresso guardado. Humilhados, podemos sentir, mas não humilhado. O mandato do homem permanece exigente o suficiente fora de paraíso. Preservar a integridade de sua essência, o que implica o de seu ambiente natural; para salvar essa confiança sem impedimentos através dos perigos dos tempos, principalmente os perigos de sua autorias ações poderosas esse não é um objetivo utópico, e nem uma modesta tarefa de responsabilidade pelo futuro do homem na terra. (JONAS, 2004, p. 201-202).

A importância das reflexões de Jonas está no fato que ele aponta para uma ambivalência essencial da liberdade humana e no fato de colocar em relação à tecnologia moderna. Os riscos relacionados e gerado pelo emprego maciço de tecnologia tornou Jonas sensível a ideia da preservação da vida e do seu valor para a liberdade humana (JONAS, 2006). No entanto, como a tecnologia é um produto da liberdade do próprio ser, ele também se tornou ciente do fato de que a humanidade deve usar suas prerrogativas com equilíbrio. Nisso respeito, o medo pode desempenhar um papel importante em particular, no que diz respeito à crise ecológica, pois, o medo obriga que não pensemos mais no progresso humano em termos de “aumento”, mas em vez disso em termos de responsabilidade, sobriedade e diminuição para outras reflexões.

O imperativo de responsabilidade de Jonas acrescenta algo que é mais importante para qualquer decisão sobre novos parâmetros a serem adotadas, para a ação individual e coletiva, e nunca deve esquecer o respeito pela essência do homem, isto é, a liberdade e nunca deverá esquece-lá. Portanto, falando corretamente, não há garantia de que a responsabilidade efetivamente terá sucesso na luta contra a irresponsabilidade, logo o medo propriamente dito como argumenta Jonas (2006), pode, portanto, ser muito útil, pois, pode levar a responsabilidade, em um nível mais seguro. Além disso, o medo se intensifica para uma imaginação sobre a possibilidade de suspender a democracia e para enfrentar o problema da sobrevivência da humanidade. No entanto, essas palavras são provocantes, pois, para ele, pode parecer uma espécie de uma “ecotirania” apenas para dizer que isso em qualquer caso deve ser evitado (JONAS, 2006). Como citado acima, o respeito pela liberdade humana sempre vem primeiro e, em segundo, o medo nunca deve ser usado para fins ideológicos, ou para fins prejudiciais à liberdade e à sua ambivalência, contudo, é possível que a dificuldade relativa à eficácia do medo usado com responsabilidade, conduza para alguns problemas, como a crise ecológica.

Por um lado, é necessário que liberdade tenda a se limitar, contendo o impacto de seus efeitos tecnológicos sobre a natureza, economia, sociedade e assim por diante. Sobre isso, ele assinala que são as democracias que avançam nessa direção, apesar de hesitação, lentidão, resistência e contradições. No entanto, por outro lado, a liberdade humana é o manejo democrático da política ecológica. As heurísticas do medo em face da complexidade de nossa época e da liberdade humana apresentam uma espécie de democracia falha, pois, seu dever, de propor ações prospectivas para enfrentar adequadamente e efetivamente esses problemas globais. Problemas adicionais podem surgir se essa dúvida deveria se espalhar entre as pessoas e se tornar frustrante, ou se causasse as pessoas para seus próprios temores, ou interesses, ou finalmente, se fosse estabelecer as premissas para uma indiferença generalizada em relação a assuntos públicos (JONAS, 2006).

Nesses casos, o uso positivo do medo provavelmente seria explorado para indivíduos e a liberdade provavelmente escolheria seu irresponsável, e uso negativo propagado por tiranias ou democracias elitistas. Uma possível resposta a essas contradições devem assumir a complexidade de nossos tempos, e deve lidar com isso através de novos processos. A reflexão ética fundamentada na ideia da responsabilidade deve assumir o medo como um guia, para uma ação responsável e que poderá ser útil. Contudo, esta liberdade e responsabilidade devem também, serem discutidas, não apenas de um ponto de vista individual, mas também em sua relevância em uma perspectiva de políticas públicas. Com base nisto o mal pode nos propor também uma forma de conhecimento, baseado no princípio da conservação, pois, a heurística está em função do bem e recorrendo para uma consciência do temor, a ética poderá se estabilizar através do tempo, segundo Jonas (2006), uma nova ética do temor, é um projeto para ser um ética mais sustentável.

Portanto, o primeiro dever de uma “ética orientada para o futuro” é a representação dos efeitos do mal, temido. O segundo dever é reconhecer que esse medo não é patológico, mas “espiritual”. Embora as projeções sobre o futuro e suas previsões sejam imprevisíveis, já estamos em um processo de destruição de elementos importantes da natureza. A tarefa central dessa “heurística do medo” não é somente para apresentar evidências, como também para ilustrá-los é, portanto, um guia, para legislar através da jurisprudência do direito e da moral, para testar princípios já conhecidos, mas para rastrear e descobrir aqueles ainda são

desconhecidos (JONAS, 2006). É necessário um conhecimento do possível, pois, o medo pode se tornar um sentimento pessoal prestando atenção à profecia do infortúnio ao invés da felicidade utópica e agindo em conformidade, ele leva a sério o dever da responsabilidade pela continuidade e o futuro da humanidade.

O medo produz resultados positivos e se discutidos desta forma, não apenas para questões teóricas e formais, mas de uma forma pedagógica e interdisciplinar é capaz de envolver fatores práticos, emocionais e imaginativos. Como resultado, os indivíduos podem tomar consciência do fato de que o medo é uma questão de relevância global, uma pergunta com a qual a felicidade e a realização de todos está profundamente entrelaçada. Nesse sentido, o medo não é causa de acusação ou negatividade, situando o medo como um dever, pois, é um medo bem fundamentado, mas não uma intimidação; ao melhor medo, mas não uma angústia. Respeito e tremor são duas coisas que precisam ser novamente discutidas. O respeito é recuperado através do tremor; o que realmente positivo é recuperado através da representação do negativo, e respeito pelo que o homem era e é, a propósito (JONAS, 2006). O respeito nos impedirá de prejudicar o presente para o futuro, nos impedirá para uma possível destruição. A custódia da herança é o requisito para preservar o que Jonas (2004), denominada “imagem fiel”, a prevenção de sua degradação, como importa a todo momento e como compromisso que garante sua permanência: Mantê-la ileso através do perigo dos tempos é o objetivo de responsabilidade pelo futuro da humanidade.

O PAPEL DA PSICOLOGIA AMBIENTAL EM UM MUNDO PÓS – PANDÊMICO

Há um forte desafio cognitivo para observar que esse princípio de autovinculação pode ser combinado com o princípio de compartilhamento justo, perspectiva que não nos diz como todas as gerações podem cooperar entre si enquanto um contrato não é mais possível se supusermos que a abordagem de Jonas seja aplicada aqui (OLIVEIRA, 2014). Embora sejam tempos desafiadores, o potencial humano para manter um senso de propósito durante as dificuldades foram descritos de maneira convincente (FRANKL, 1963). Várias experiências fornecem evidências persuasivas de que as pessoas rotineiramente encontram ou impõem significados e um senso de coerência durante tempos de incerteza (HEINE;

PROULX; VOHS, 2006; SEDIKIDES; WILDSCHUT; STEPHAN, 2018). No entanto, estudos empíricos, em tempos de extrema e real adversidade, são escassos e os que existem, necessitam de um cuidado maior, uma vez que as crises diferem em várias dimensões críticas, como duração, número de pessoas afetadas, ou especificidade regional.

O Covid-19 que estamos enfrentando atualmente, que incluem infecção e hospitalização em potencial, perdas econômicas graves, impactos adversos generalizados na saúde mental e prazos indetermináveis para a restauração completa dos serviços convencionais. Podemos destacar três interações, pessoa-ambiente que foram violentamente interrompidas pelo Covid-19 e consideramos seu provável impacto na experiência do propósito: como nos envolvemos com o trabalho, como nos envolvemos na educação e como lidamos com os problemas físicos. Notavelmente, esses domínios de interação têm sido centrais para as perspectivas ambientais e ecológicas da psicologia (SUNDSTROM et al., 1996; WINKEL; SEAGERT; EVANS, 2009), bem como para o estudo do objetivo na vida (RYFF, 2014). À medida que as incertezas em torno desse risco biológico continuam a proliferar, destacamos brevemente como o Covid-19 pode impactar cada interação pessoa-ambiente de maneiras que são prejudiciais à manutenção, desenvolvimento ou promulgação de objetivos.

Existem estudos de longa data da Psicologia Ambiental, que discutiram desastres desta proporção, (BROWN; WESTAWAY, 2011; SEAGERT; WINKEL, 1990), prever como as pessoas irão interagir nesses novos desafios ambientais, mesmo em meio a um desastre. É importante reconhecer que, diferentemente de outras calamidades, nenhum dano ao ambiente construído foi sofrido. De fato, as escolas, bairros e locais de trabalho em que os indivíduos cultivaram seu senso de propósito permanece intacto. O desafio, então, é enfrentar esse momento com uma rigorosa agenda de pesquisa projetada para informar como as pessoas podem se sentir intencionais quando as oportunidades de se envolver de maneira significativa em suas atividades diárias são alteradas.

Por fim, da mesma forma que é provável que a luta contra essa pandemia mude as sociedades de maneiras profundas e permanentes, pedimos uma abertura a uma mudança para questões que precisarão incorporar mais discussões sobre o meio ambiente. Como um recurso para o engajamento na vida, esperamos ansiosamente prestar atenção a essas

interações pessoa-ambiente e descobrir maneiras duradouras de ajudar as pessoas a manter um senso maior de responsabilidade e cuidado ambiental. Estas situações de alto risco, que envolvem um forte impacto social ou ambiental devem ser tratadas em uma condição que exija um grau máximo de responsabilidade, para que não impliquem efeitos negativos. Os efeitos da ação tecnológica são, em muitos casos, de difícil previsibilidade, torna-se necessário a adoção de princípios conservadores que levem em consideração todos esses aspectos.

Isso corrobora com um conceito jonasiano, do princípio da precaução, tal como previsto na heurística do medo, na qual a prudência e a responsabilidade assumem um papel preponderante nas tomadas de decisão e nas orientações das ações tecnológicas. Pois as consequências, em longo prazo para a saúde humana e para o equilíbrio ecológico, são manifestações ainda incertas. Estes elementos evidenciados pela Psicologia Ambiental em propiciar e repensar condições autênticas de vida é o objetivo central do pensamento jonasiano que remetem a importância, o valor e a dignidade da vida para que possamos construir realidades e processos dignamente humanos, que reconheçam que a vida, por ser vida, vale a vida. Os conceitos propostos por Hans Jonas (*heurística do temor e o imperativo da responsabilidade*) podem ser elementos importantes para as decisões serem tomadas pelos grupos que discutem a problemática ambiental, nenhuma outra teoria na filosofia, trouxe princípios tão claros como a proposta de Jonas.

Finalmente, a ética ambiental traz uma questão relevante: é possível uma justiça voluntária de restrição em nível global, um nível que possa estar em conformidade com o bem-estar de todas as gerações e permitir que a sustentabilidade permaneça dentro dos limites planetários? Podemos concluir aqui pela necessidade de continuar nossas investigações em várias direções. Para ética ambiental combinando sustentabilidade a longo prazo, uma análise da mudança qualitativa do sistema econômico devido à possibilidade de novos comportamentos de acordo com o *Princípio Responsabilidade* tem que ser conduzida. Ao mesmo tempo, precisamos conhecer o papel principal desempenhado pela resiliência capacidade da natureza através da análise da dinâmica dos serviços ecossistêmicos em relação à sua produção não reduzida (evidência de limiares para algumas grandes mudanças reais - mudanças climáticas, erosão da biodiversidade, pesca e etc.) (DUA, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como sugerimos desde o início, a essência da Psicologia Ambiental é o contexto físico e suas relações. O contexto é tudo, pois, é uma parte inseparável da explicação das transações das pessoas com o meio ambiente. Exatamente como Jonas argumentava as relações entre ambientes e pessoas precisa ser incorporada em nossa estrutura analítica. Há sim, todos os motivos para argumentar que esse deveria ser o novo impulso para uma sociedade mais ecologicamente responsável, pois, as implicações nestas relações entre o homem, sua liberdade e o meio ambiente, exigirão a incorporação de uma nova análise se queremos encontrar soluções para os desafios que eles representam na atualidade. Precisamos acreditar que a normalidade atual, é um processo “fracassado”, não há outras opções para as sociedades humanas, é necessário um choque filosófico, psicológico e educativo, para elaborar novos critérios, para o desenvolvimento tecnológico, precisamos de um processo de ressignificação da realidade para o estabelecimento de novas subjetividades no mundo moderno. A intenção central deste trabalho, além de fornecer material teórico e repensar os conceitos de Hans Jonas, e da psicologia, é chamar a atenção para o fato de que esta, talvez, seja a última oportunidade, de repensarmos nossa forma de vida, estabelecidas pelas normas econômicas e de valores vigentes.

REFERÊNCIAS

BROWN, K.; WESTAWAY, E. Agency, capacity, and resilience to environmental change: lessons from human development, well-being, and disasters. Annual review of environment and resources., v. 36, p. 231 – 342, 2011.

DUA, M. RESPONSIBILITY FOR LIFE: A Descriptive View on Hans Jonas' Ethics. Philosophy, v. 6, n. 4, p. 191 – 198, 2016.

FRANKL, V. E. MAN'S SEARCH FOR MEANING: Revised and updated. [S.l.]: WW Publisher, 1963.

_____. **O PRINCÍPIO VIDA:** fundamentos para uma biologia filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Memórias. Buenos Aires: Losada, 2005a.

_____. Poder o impotencia de la subjetividad. Barcelona: Paidós, 2005b.

_____. **O PRINCÍPIO RESPONSABILIDADE:** ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

_____. O fardo e a bênção da mortalidade. Tradução Wendell Evangelista Soares Lopes. Princípios, v. 16, n. 25, p. 265 – 281, 2009.

_____. **MATÉRIA, ESPÍRITO E CRIAÇÃO:** dados cosmológicos e conjecturas cosmogônicas. In: Textos Filosóficos. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **TÉCNICA, MEDICINA E ÉTICA:** sobre a prática do Princípio Responsabilidade. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **THE GNOSTIC RELIGION:** the message of the alien God and the beginnings of Christianity. Boston: Beacon Press, 2015.

_____. **ENSAIOS FILOSÓFICOS:** da crença antiga ao homem tecnológico. São Paulo: Paulus, 2017.

HEINE, S. J.; PROULX, T.; VOHS, K. D. THE MEANING MAINTENANCE MODEL: On the coherence of social motivations. *Personality and social psychology review*, v. 10, n. 2, p. 88 – 110, 2006.

OLIVEIRA, J. Compreender Hans Jonas. Petrópolis: Vozes, 2014.

RYFF, C. D. PSYCHOLOGICAL WELL-BEING REVISITED: Advances in the science and practice of eudaimonia. *Psychotherapy and psychosomatics*, v. 83, n. 1, p. 10 – 28, 2014.

STERNBERG, R. J. *Psicologia cognitiva*. Padova: Piccin, 2000.

SEDIKIDES, C.; WILDSCHUT, T.; STEPHAN, E. Nostalgia shapes and potentiates the future. *The social psychology of living well*, p. 181 – 199, 2018.

SEAGERT, S.; WINKEL, G. H. Environmental psychology. *Annual review of psychology*., v. 41, n. 1, p. 441 – 477, 1990.

SUNDSTROM, E. et al. Environmental Psychology 1989–1994. *Annual review of psychology*, v. 47, n. 1, p. 485 – 512, 1996.

WINKEL, G.; SEAGERT, S.; EVANS, G. W. AN ECOLOGICAL PERSPECTIVE ON THEORY, METHODS, AND ANALYSIS IN ENVIRONMENTAL PSYCHOLOGY:

Advances and challenges. *Journal of Environmental Psychology*, v. 29, n. 3, p. 318 – 328, 2009.